

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.644

Sábado, 5 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Cembre, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

O PROLETARIADO PORTUGUÊS DEVE PREPARAR-SE PARA ELEVAR A SUA VOZ DE PROTESTO CONTRA A ESPANHA OFICIAL QUE CONDENOU A MORTE DO ARTISTA
... REBELDE JUAN ACHER! ...

O dualismo do sr. Joaquim Ribeiro

O que mais nos surpreende na deliberação do ministro da agricultura, é o facto de no ano passado, ter afirmado perentoriamente não aceitar o tipo único de pão, depois dos delegados operários que sobre o assunto o procuraram, lhe terem feito sentir que, os vários tipos de pão se prestariam a uma especulação por parte da Moagem e panificação.

O sr. Joaquim Ribeiro disse, caso isso viesse a suceder, ele se teria da Manutenção Militar, criando um tipo de pão popular que seria adquirido por senhas, para obstar que o mesmo fosse parar às mãos de quem poderia suportar a avaria do polvo.

Por estes factos nos admiramos que seja o mesmo sr. Joaquim Ribeiro, que era contrário ao tipo único, que nós perfilhávamos e perfilhamos, o que venha agora estabelecer.

Quando nos por momentos a pensar, porque artes de berliques e berliques, isto sucede assim; e chegamos à conclusão que isto acontece porque ele é, além de lavrador, proprietário, um representante das forças vivas e não um zelador dos interesses gerais do povo.

Se assim se pode compreender que o sr. Joaquim Ribeiro, ministro da Agricultura, queira criar o novo regime de pão e nesta época. Este homem tem defendido duma forma tão inaudita e franca os interesses dos proprietários, dos lavradores e dos exploradores como poucos.

E' este o juízo mais acertado que se pode fazer em face da sua actual atitude.

O tipo único de pão que agora quer impor vai criar a possibilidade do seu encarecimento e pela razão seguinte: temos o pão mais barato actualmente ao preço de 1880, pois o tipo único fará com que ele suba de preço. O novo tipo que virá a ser manipulado no mórdois acumuladas na moagem será péssimo, a opinião pública manifestar-se há contra o seu mau fabrico. A resposta será como sempre: em lugar de ser melhorado, faz-se nova lei, decretando o regime de dois ou três tipos!

Ficará a população na mesma situação com a diferença e agravante que esses tipos aumentarão de preço, isto é mais caros que os actuais.

Aqui teremos, portanto, um encarecimento, que é o único objectivo do sr. Joaquim Ribeiro, cuja subida às cadeiras do poder tem sido assinalada com o favoritismo à moagem e lavoura.

Até a própria época que o ministro sr. Joaquim Ribeiro escolheu para as suas manobras, demonstramos que a sua preocupação é proporcionar, sobretudo à lavoura nacional uma base mais elevada para os cereais,—com mais alguns lucros do que no ano passado—e tem para vender. E', e porque sempre foi, esta a ocasião em que o lavrador se desfaz ao resto de cereais que lhe sobejaram das manobras.

Já antigamente eles conseguiram vendê-los por mais alguma coisa; presentemente essa mais alguma coisa está correcta e aumentada.

E como de ano para ano o pão se vende mais caro, o lavrador que consegue vender mais caro nesta época, fica assim habilitado a elevar-lo para a próxima colheita, porque a saída está dada com a subida do preço do pão.

Eis a obra do ministro: arrancar ao povo mais uns milhares de escudos para meter na bolsa dos lavradores, moageiros e panificadores.

Agora resta saber se o povo está disposto a consentir neste roubo. O mais interessante é que o sr. Joaquim Ribeiro desembarca um cargo em nome do povo.

Portanto, o povo, tem o direito de o chamar à ordem, a ele e a todos e até de os correr a pontapé.

Quando será o dia!

AS ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

Insistindo

Foi a Batalha um dos jornais que mais acerbamente abriu a luta contra a extinção das E. P. S., únicos centros de instrução, onde os filhos de menos abastados poderão encontrar gratuitamente os conhecimentos indispensáveis ao agricultor que se queira produzir com verdadeiro conhecimento.

Deve, pois, ela ser também um dos nossos capitais... se não puder vencer, como esperamos.

E sendo assim, cá estamos novamente a nosso posto de defesa da causa da instrução.

Disseram os jornais de feição partidária que o sr. ministro da Instrução Pública havia nomeado uma comissão para pronunciar acerca dessas escolas.

Não sabemos quais as ideias dessa comissão, da qual fazem parte, se não sabemos em erro, três professores dessas escolas, que de certo tentariam defendê-las, porque defendem os seus próprios interesses e o seu *brío profissional*, inamavelmente apoiado no histórico relatório que precede o Decreto que as extinguiu.

De nossos governantes, na sua maioria, tem uma característica bem diferente dos governantes dos outros países aliados.

Entre nós não se corrige nem se aperfeiçoa uma instituição.

Quando ela, por qualquer defeito do organismo, deixa de funcionar normalmente, em vez de se corrigir—aperfeiçoando—se destrói-se.

E mais fácil e produz melhor efeito... Foi o que sucedeu às E. P. S.

Visto elas não funcionarem com perfeição, por virtude de algum defeito no organismo, assás fácil de corrigir, foram pela raiz com a foice da *«Seara Verde»*. Parece incrível, mas é verdade.

Não contava, porém, o nóvel ministro com os protestos dos muitos que se puderam conformar com a solução, e nem especialmente com a Batalha, que tem por única preocupação defender os interesses do proletariado que é, infelizmente por falta de recursos, quem mais precisa da instrução que se deve ministrar nestes centros que servem de complemento ao ensino primário geral.

Porque assim é, persistimos na defesa da existência dessas escolas, e tem-

bramos à comissão que deve incluir nas bases da sua reforma o resumo do que já dissemos em artigos publicados em *A Batalha*, e que trasladamos para aqui:

a) Adaptação e simplificação de programas, embora subsistam as mesmas disciplinas, ou mesmo mais algumas.

b) Matrícula gratuita para os que não podem pagá-la, ou embora tenham recursos para isso, declarem nos seus requerimentos que desejam o curso para se matricularem nas escolas de artes ou de agricultura, ou agrícolas elementares, ou comerciais e industriais secundárias, ou finalmente nas normais primárias.

c) O curso será de três ou quatro anos conforme o destino do aluno.

d) O de quatro anos dará direito à matrícula no 3.º ano dos liceus; nas escolas industriais e comerciais secundárias; na escola normal primária; no curso de pilotagem e nos cursos de telegrafos.

Dando-se a essas escolas estas e outras vantagens, como, por exemplo, tornar-se o curso do 3.º ano obrigatório para uma determinada série de empregos públicos — e mesmo de instituições particulares — estará resolvida a primeira parte do complicado problema da Instrução Nacional, desde que se crie, pelo menos, uma em cada sede do concelho, e se organize convenientemente o ensino infantil e primário geral.

M. C. D.

Em Barcarena

No próximo domingo realiza-se nesta localidade, promovido pela Associação dos Bombeiros Voluntários Progresso Barcarenaense, um bando precatório em favor dos indigentes, devendo incorporar-se no cortejo todas as colectividades locais.

UM NOVO CRIME

O ARTISTA JUAN ACHER CONDENADO Á MORTE NO CIRCO DE SÃO BENTO PELOS TORVOS TRIBUNAIS ESPANHÓIS

UM VIBRANTE APELO ENDEREÇADO AO PROLETARIADO PORTUGUÊS, PELO C. N. T. DE ESPANHA

A mais tórrida vingança, o maior ódio à vida inspiram ainda a Espanha oficial, imbuída do mais inextinguível fanatismo. A inquisição disfarçou-se e, hoje, aos inquisidores, chama-se juizes. De quando em vez, o mundo é alarmado com uma decisão brutal dos odiosos tribunais espanhóis. Ontem foi Pedro e Nicolau. Hoje, é Juan Bautista Acher «El Poeta».

O pobre e desventurado artista acaba de ter confirmada pelo Tribunal Supremo a condenação à morte. A justiça espanhola, acaba de pronunciar a sua palavra derradeira. Quer a morte do moço artista. Que ele morra... Mas, que vivam, isentos de cuidados, por incapacidade para remorsos, os torvos juizes, os asquerosos juizes, que não podem ver, sem ódio, sem ódio mortal, uma vida desabrochando numa forte e profunda promessa de amor e arte.

Acher é um rapaz novo, cheio de ímpetos, entusiasta, sequioso de justiça, talentoso, artista. Uma mocidade impetuosa servida por uma nobre inteligência, e uma alma ardente. Artista, requintadamente artista, seu lápis é a revolta de uma consciência contra as iniquidades. Seu desenho, suas caricaturas, dum traço luminoso e suave, são enlece da beleza com a justiça. O artista que pensa com acerto e realiza com beleza.

E aquele artista é um rebelde. Não chora liricamente qualquer pseudo-drama, não se prosterna servilmente perante o falso brilho duma sociedade podre, nem isonega os insolentes triunfadores da hora que passa.

Acher, está do lado dos mais fracos. Em vez de se deter maravilhado nos prazeres dos de cima, desenha em linhas puras e harmoniosas, os sofrimentos e as cóleras dos de baixo.

O artista talentoso e o homem ativo

dão-se as mãos para negar ao presente o direito de esmagar a justiça das vítimas com o dinheiro e o poder dos carrescos.

Os juizes diante de Acher, diante desta exuberante mocidade que se prodigaliza em talento e em nobreza de alma, apenas tiveram uma atitude: a sentença condenatória. Acher estava acima da crueza humana que os juizes laboraram. E' preciso para viver não ultrapassar um determinado grau de inteligência, de energia, de mocidade, de alvizez. Acher ultrapassou-o.

Os juizes são implacáveis. Não perdoam. E não perdoaram.

Acher, condenado à morte em última instância, está perdido irremediavelmente se a consciência humana, que está acima de todos os tribunais e de todos os juizes, se não manifestar, reclamando contra a cruel decisão.

Para que Acher não morra estádo desenhando em Espanha um movimento de protesto na qual colaboram numa fraternal coincidência, operários e artistas. O movimento deve alargar-se a Portugal, deve alargar-se a todo o mundo.

Os tribunais de Espanha estão multiplicando os seus crimes e, conseqüentemente, multiplicam-se os protestos. A todo o momento se erguem protestos destinados a roubar vítimas aos carrescos.

Que a mocidade, o talento e a rebeldia de Juan Acher não sejam imolados pelo carrasco! Para que assim suceda devem os trabalhadores de Portugal afirmar a sua simpatia pelo artista condenado à morte, contra os juizes que cobardemente e torvamente pretendem suprimir vidas que são tão necessárias e belas quanto as suas más noções e odiosas.

O artista talentoso e o homem ativo

O apelo da C. N. T. As organizações operárias, grupos anarquistas e a todos os homens

O povo espanhol volta a defrontar um caso semelhante ao de Mateo e Nicolau. Agora, foi escolhido pela justiça histórica, um jovem artista, cuja vida ela pretende ceifar.

Juan Bautista Acher, «El Poeta» foi condenado à pena de morte, pelo tribunal de Barcelona. A sentença condenatória acaba de ser, cruelmente confirmada pelo Supremo Tribunal.

O poeta, o homem, o obreiro do pensamento está ameaçado de morte! Assim o quer a funesta justiça de alguns homens ainda mais funestos que essa justiça. Vão matar um homem. Dentro dele vai extinguir-se essa luz que ilumina os povos.

O povo trabalhador de Espanha não que ele tem de nobre, de humano, de artista neste país, reclama que o jovem artista seja indultado. Este povo não pode, por causa da ditadura de Rivera, exprimir com a clareza e a expansão necessárias, o seu protesto e o seu rejeito pela vida deste desventurado artista.

Por isso apela para o ativo povo português, para que este, num belo e generoso impulso colectivo, exija como só homem, o indulto, desta nova vítima.

Trabalhadores! Artistas! Homens Livres! Um homem, uma mocidade generosa e vibrante e talentosa vai ser piedosamente sacrificado pelo ódio! Reclamai todos ao governo espanhol para que Juan Bautista Acher seja indultado.

Assim o quer o povo de Espanha. Assim vo-lo pede em nome da classe trabalhadora.

O Comité Confederal da C. N. T.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Homem-lengo

A Academia de Ciências, velha cidadela de estúpidos e ridículos preconceitos acaba de integrar entre os seus membros, o director da *Epoca* Fernando de Sousa Nemo. Sabemos que este reacção, como jornalista é excelente engenheiro. Foi por isso talvez que a Academia o elegue.

Na sua oração, o dr. Cunha e Costa afirmou que o Nemo «aparece solto entre o baço uma lagrima a enxugar».

O sr. Nemo tem a virtude de ser um lenço le assor!

Se um dia a Academia tiver vergonha, chorrará por ela lhe ter vindo tarde. O sr. Nemo aproxima-se e a Academia enxuga-se a ele.

Iamos chorando a rir com esta gracinha do sr. Cunha e Costa! Socega porém o sr. Nemo! Escusa de aparecer por cá—já se nos secaram as lágrimas...

A eterna servidão!

Vai a Casa dos Jornalistas oferecer ao sr. Augusto de Castro, um banquete, no qual poderá inscrever-se, toda a gente, que atribua alguma importância à importância que justifique os cinquenta escudos por conta, por conviva, a comemorar.

Discordamos sinceramente da homenagem. A entidade que a promove não devia, em nosso entender, arvorar-se um fole para soprar a vaidade dum homem, nem contribuir para que nesta hipócrita sociedade, mais uma manifestação de servilismo se produza.

O sr. Augusto de Castro não conquistou a golpes de talento jornalístico o seu lugar. A «Casa dos Jornalistas» esqueceu-se também que os jornalistas só conquistam com o seu trabalho, a morte prematura e a miséria.

Que tristeza a imoralidade e os janfates de homenagem corromperem o que devia ficar estranho à primeira e não imitar os que promovem estes últimos!

Só temos a prestar homenagem àqueles que não subscreverem este banquete de homenagem. E merecem-na, porque lhes sojeia em independência o que a muitos falta em sinceridade.

Federação Marítima

NOTA OFICIAL

Esta Federação, tendo apreciado a ordem, dimanada do ministério da Guerra para o da Marinha, que estabeleça a criação de 1.500 escudos para os marítimos de longo curso poderem embarcar em navios nacionais, exorta estes camaradas a não acatarem sem dracónica imposição, que lhes coarct o direito de angariar pela sua profissão os meios de subsistência. A todos os trabalhadores fluviais recomenda também este organismo que se mantenham de atalaia para impedir no momento oportuno que tal monstruosa decisão ministerial vá afectar gravemente os seus camaradas de longo curso. — A Comissão Administrativa.

A cédula pessoal Desabamentos

Na Câmara Municipal

Sob a presidência do dr. sr. Costa Santos, reuniu ontem, em sessão ordinária a Câmara Municipal de Lisboa.

Entrando em discussão e votação na especialidade as propostas apresentadas nas duas últimas sessões sobre a questão dos desmoronamentos ultimamente sucedidos em Lisboa, são aprovadas por unanimidade a proposta do dr. sr. Beirão da Veiga para se proceder a um inquérito à forma como se passaram os factos referidos no artigo do jornal *A Capital* respeitante a um prédio situado na rua da Bica Eduardo Belo e para se nomear uma comissão de inquérito para tal fim constituída por dois vereadores engenheiros e a proposta de José António de Abreu, para a Comissão Executiva através dos técnicos do Município organizar no mais curto prazo de tempo os meios julgados necessários para garantir absoluta estabilidade das edificações que venham a erigir-se na capital e bem assim as bases indispensáveis a uma boa e eficaz fiscalização das construções. As restantes propostas então apresentadas baixaram as respectivas comissões de estudo.

O sr. Mário Reis pede a atenção do sr. Alexandre Ferreira para factos que dizem passar-se quanto a vistorias e o dr. sr. Beirão da Veiga, depois de pedir vários esclarecimentos sobre o alojamento das famílias que tiveram de sair dos prédios em ruínas, propõe que na acta se lance um voto de louvor ao sr. Alexandre Ferreira pela boa vontade e esforço que tem manifestado na missão que lhe estava confiada de olhar pelo alojamento das referidas famílias.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

As licenças já pedidas e concedidas para demolição de prédios dizem respeito aos seguintes:

R. António Pedro, B. C.; Largo Afonso Pena, J. A.; Avenida Miguel Bombarda, 87, 91 e 155; R. Heróis de Kionga, 34; R. 4 de Infantaria, 31; Rua n.º 1 a Rua Correia Teles e Rua de São Paulo, 148, 150.

A Secção profissional dos mecânicos em madeira, apreciando a tentativa do Governo em pretender de novo impor a caderneta com o título de cédula pessoal, resolveu exortar todos os camaradas a repudiar tal infame coleiça que só tem em mira exercer futuras perseguições à classe operária e cercar as poucas liberdades alcançadas.

Para este efeito espera a comissão administrativa que nenhum mecânico em madeira se preste a ser «celudado».

A comissão administrativa do Sindicato dos Inscriitos Marítimos (pessoal de câmaras) protestou na sua última reunião contra o pretendido estabelecimento da cédula pessoal.

A Secção profissional dos mecânicos em madeira, apreciando a tentativa do Governo em pretender de novo impor a caderneta com o título de cédula pessoal, resolveu exortar todos os camaradas a repudiar tal infame coleiça que só tem em mira exercer futuras perseguições à classe operária e cercar as poucas liberdades alcançadas.

Para este efeito espera a comissão administrativa que nenhum mecânico em madeira se preste a ser «celudado».

A secção profissional dos cantileiros e polidores de mármore, em reunião com a comissão administrativa, lavrou um energico protesto contra a cédula pessoal, resolvendo secundar qualquer movimento que os organismos centrais venham a promover.

Uma nova linha de vapores

LONDRES, 4.—Vai ser inaugurada, uma linha de vapores entre Harwich e Zeebrugge. O primeiro vapor, que fará a viagem de Inglaterra para Zeebrugge no próximo domingo regressará carregado com os doentes dos hospitais do exército inglês do Reno que vieram de Aix-la-Chapelle.

CRONICA PARA LAMENTAR

NO CIRCO DE SÃO BENTO

Tavares teve guarda de honra — Os ciúmes dum «az» que foi da aviação — A policia perturba arbitrariamente a assembleia — Uma lição de francês por medida de higiene — O bacilo do número — matou por fim a sessão —

Finalmente, o chamariz vitalício da companhia pronunciou o último nome, e o director do circo, que até então recantara pela vitalidade do número, entou: Estão presentes trinta e nove senhores deputados!

Delicia os ouvidos a melodia deste prego, reminiscência dos pregões alegres e silabados que, nas estações ferroviárias, em dias de lindo sol, fazem apetrear os frutos e os doces regionais...

Mas Hermano, um bárbaro que a poesia não entenece, duvida do cantar presidencial, indaga zombeteiro: — Onde é que estão os trinta e nove?

Onde é que o senhor foi arranjá-los? O grito deste comparsa insubordinado alarmou presidente e secretários.

A leitura da acta chegou a suspender-se; o secretário chegou a posar o caderno sobre a mesa, olhando vagamente os artistas insubmissos. O presidente, inquirido sua função directiva, ergue os óculos embacalhados, franze a testa e fica-se a olhar, a olhar, até que uma decisão súbita o anima:

— Os que faltam... estão lá fora! Tinha achado a mais airosa saída — e o espectáculo inicia-se.

Tavares de Carvalho, um ovo estreado de primeira grandeza, abre o grande celeiro da sua oração, ante o extase de três criados de circo, rigidamente perfilados, como guarda de honra.

— E não querem a vida mais cara! Oh! é demais! não posso calar a minha enérgica revolta! Ora vejam meus senhores... Um relatinho foi preso... preso por ter em casa 600 quilos de batata sem leiteiro. Ele saiu para fora, senhores, mas teve de pagar... três mil escudos! Três contos que os fiscaes exigiram... Porque preço vai ficar essa batata!

Estava inspirado e, facilmente, dum assunto passou a outro: — Por Portugal e São Tiago, aos Loios! Guerra aos senhores e aos fiscaes que mandam apagar os prédios sem ruínas. Eu não quero injustiça, sr. ministro da Justiça. Eu quero que se faça um favor ao povo, ao povo que sofre a carestia da vida e a falta dum lar. Eu quero o levantamento da minha pátria, por isso voto o gravame dos impostos. Apesar disso, não deisto de afirmar que o povo tem direito à vida mais barata. Votem-se mais impostos, que se levantar a pátria e se levantar o povo que sofre a miséria da vida.

Ouve-se ao longe um soluço de mulher e um vagido de criança — é o povo que se levanta a aclamar o Rei da Madureza.

A atmosfera carrega-se de tragédia. E, precisamente neste momento, por sobre as nossas cabeças aparece uma nuvem negra que as galerias escurece. Um grito de pavor solta-se, unânime, de todos os labios:

— A policia! A policia! A policia! Era verdade — a policia ocupava a geral reservada, com um enorme barulho de pés. O pânico, em baixo, entre os pais da pátria, era indescritível. A visão da audiência correccionada, da entrega ao governo, do areal africano, vivia na imaginação excitada daquela gente.

— Socorrei, homens — clama o director, do alto do seu púlpito. O heroico comandante do 9 de Abril, o heróico Ferreira do Amaral, garantiu-vos a impunidade.

E a companhia sossegou. De resto, pensavam, a blusa de ganga nunca lhes assentaria bem.

António Maia — um Maia de que Ego se não lembraria — sob um nervosismo de um casal de pombos, 10800; idem de uma camisola, 6500.

Foram em número de 10 as pessoas contempladas, a cada uma das quais coube 568370.

Bandos precatórios

Está definitivamente assente, a organização de 5 bandos precatórios para amanhã, devendo ser enviados para a imprensa os itinerários e bem assim o nome das agremiações que nêles se incorporam.

A comissão roga a todas as senhoras que gentilmente se prestem a coadjuvar esta ideia, a comparecerem amanhã, pelas 10 horas, na sede das seguintes colectividades.

Sociedade dos Calceteiros Municipais, Avenida Duque de Loulé, 18-A; Sociedade Filarmónica Euterpe de Benfica, Rua Cláudio Nunes, 30, e União Musical do Alto do Pina.

A comissão organizadora convida o pessoal ferroviário a incorporar-se fardado nos bandos precatórios.

Prevenção aos Sindicatos

Por intermédio dos delegados da Associação dos Inscriitos Marítimos à U. S. O., foi participada a existência dum grupo de indivíduos que pretendem organizar a Associação de Classe do Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante Portuguesa. Devemos por este meio prevenir os sindicatos de Lisboa que se trata de um grupo de amarelos do último movimento das classes marítimas de longo curso, ao qual deve ser negada a cedência de salas ou gabinetes por parte das associações de classe, em virtude das razões apontadas.

A comissão administrativa da U. S. O. zos e deixando muita gente sem abrigo,

inexplicável, não sabe reprimir o desbeto por uma negação que a República faz?

— Não sou já oficial do exército, porque me deram a demissão que eu peço. Se soubessem o ferro que a República me fez... Desde que ela se implantou, outra coisa não soube fomentar se não a intriga. Os ministros da Guerra são os maiores indisciplinares, porque se cobrem na impunidade garantida pelos regulamentos. Quero o castigo do ministro da Guerra que não tem capacidade moral.

E conta pelos dedos: — António Maria da Silva, Freiria e Freitas Soares...

O silêncio peza. Todos os olhos se fixam no rosto empedernido daquele Maia oído.

A policia faz mudar a scena. O Sá Cardoso, ministro dos quatro costados, pede que se discuta o aumento de salário — da força — a policia. O Canceleiro de ser um desmancha-prazeres:

— Voto o aumento — porque sei que a policia vai comer melhor para ser inafatigável na caça ao Zé Jui da Costa.

A pirraça dá resultado. — Ora, ora, ora... Fora! Está fora da ordem! Sr. presidente, meta-o na ordem! — esganica a maioria.

E Canceleira replica no seu vazeirão: — Estão com medo da policia!

— Ordem! ordem! — gritam os outros.

Grita a campanha, são o carrilhão, toca o presidente, aprova-se o aumento, aquietam-se os deputados, alegram-se os policiaes, volta o sossego.

Agora vem ao circo o Sêlo. O Canceleiro, que tem uma garganta como as quedas do Douro, dá uma lição de francês ao sr. Velhinho:

— Meu caro Velhinho, no tempo em que o lieu era risonho e franco e tinham as notas e os valores em branco, existia já o vocábulo *savon*, que no francês indica *sabão e sabonete*. Ora, caro Velhinho, lêste nos invólucros dos sabonetes franceses duas palavras: *savon de fantasia*, esquecendo-se que no mundo ainda há sabonetes. Ora pois... Não há sabões de luxo ou de fantasia, o que há é apenas sabão, e a tua sapiência nos indica que anda tudo isto a pedir harreia.

A companhia entretém-se a observar a discussão entre estes sabões.

— Vai ler-se o artigo 7.º — grita súbitamente o director.

Ouve-se, monótono e inexpressivo, o matraquear gutural do secretário perpétuo:

— Artigo 7.º. Fica revogada a legislação em contrário.

— Está em discussão — clama o presidente. — Ninguém pede a palavra, vai votar-se. Os srs. deputados que aprovam, levantam-se. Está aprovado.

— Requeiro a contra-prova e invoco o artigo do regulamento — brada, lá do cantilho, o imortal Canceleira.

— Vai proceder-se à contra-prova! — torna o presidente.

Minutos ansiosos. O 7 sempre foi o número dos grandes acontecimentos da história.

— Não há número — ribomba a voz do presidente.

— Por um bocadinho assim — diz o Carvalho da Silva — que o sêlo se acaba hoje. — Fica para a semana. Até segunda, Alvarinho do meu coração.

Ta ra ti ta, ta ra ti ta, ti ri ri ti ti. E a companhia, direita voltando, de pasta ao ombro, vai saindo em bicha, alegre e feliz por ter ganho o dia.

POR ESSE MUNDO FORA

MARROCOS

Contrabando de armas para ou mouro

TANGER, 4.—As autoridades marítimas espanholas apresaram um vapor e uma lancha hastendo a bandeira jugleza que estavam em águas da zona espanhola descarregando armas para os mouros.

ALEMANHA

Cercando o direito de viajar

BERLIN, 4. — O presidente Ebert assinou um decreto que limita o direito de viajar fora da Alemanha. Todos os particulares deverão pagar uma taxa especial de 500 marcos ouro para conseguir a licença necessária para se ausentar para o estrangeiro. Este decreto é erégicamente criticado pelo «Berliner Tageblatt» e pela «Voss Zeitung». Foi motivado pela necessidade de salvaguardar a estabilidade da moeda e de evitar a má impressão causada no estrangeiro pelo procedimento de alguns viajantes de luxo.

Uma sessão tumultuosa

BERLIN, 4. — Houve uma sessão tumultuosa no conselho Municipal de Berlim tendo sido reclamada a intervenção da policia que expulsou os membros comunistas.

ITALIA

Desmoronamentos de terrenos

ABOLO Telefon

ganização da biblioteca que se vai instalar no Sindicato, sendo aberta a inscrição voluntária que já conta com 200 subscritores.

LIVRARIA RENASCENÇA
Obras literárias, científicas, profissionais
e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e acessórios para...

artigos de papelaria e sacchario, como
nos preços mais baixos do mercado.

A grandiosa obra de Vitor Hugo, OS
MISERÁVEIS, illustrada por assinaturas
e encadernada com capas espoladas
em 2 grandes volumes a 4000, arescudados
o 5 30 de porte o embalagem para a pro-
priedade.

Sempre novos artigos e novidades li-
tarias.

Joaquim Cardoso
Rua dos Poiais de São Bento
27 e 29
LISBOA

Pedras para isqueiros
Legítimo metal Aufer unica pri-
vilegiada e herdada universalmen-
te por ser a que faz melhor fôrça
e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos
(cuidado com as imitações)

Venda aos centos e aos milha-
res, assim como isqueiros, to-
das, tubos, pifos e tambores, as
melhores peças para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS
Depósito: Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

**Aos Funileiros
e soldadores**

SOLDA de estanho, muito fina, solda
para maçarico, estanho e chumbo e
barra.

Todas as soldas são de máxima con-
fiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO
- das melhores marcas -
CARLOS A. SANTOS
80, Rua do Arsenal, 80 - Lisboa

Sucatas

Comprim-se por altos preços cobr

bronze, metal, chumbo, estanho, tip
solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 1
(junto ao arco pequeno.

LIMAS

 

MARCAS REGISTRADAS
para com as melhores inglesas.

As melhores
são as
União
Me Peitira
Vieira de
Praia—Pedr
todas as
deterraga
Realizam
preços et

Pedras para isqueiro
Metal Auer, assim como rod

A APARECER BREVEMENTE:
O Botão e o Revólver

pre-
tendo

O Estado e a Revolução
por N. LENINE

versão portuguesa de
MANUEL RIBEIRO
Obra de actualidade, sobre história,
sociologia e crítica
Pedidos à Livraria Peninsular, Edição
RUA DO POÇO DOS NEGROS, 79
— LISBOA —

Sociedade anónima—Estatutos de 30 de
vembro de 1894

AVISO AO PUBLICO

ROMAGEM AO TUMULO DOS SOLDADOS DESCONHECIDOS NO DIA 9 DE ABRIL DE 1919

Por motivo da romagem ao Tumulo dos Soldados Desconhecidos que se realiza dia 9 de Abril, esta Companhia resolve conceder a reduçã de 50 % nos preços passagens, a ida e a volta, de qualquer

estações da sua rede para as de Leiria e Valado, a todas as pessoas de desejo tomar parte na referida manifestação. Esta concessão será aplicada para a

Lisboa, 3. de Abril de 1924. — O dire
Geral da Companhia — *Escreva de*

quita.

Depois da morte de seu marido, declarou que não se tor-
nou a consagrar a sua vida inteira a
carreira e louca esperança que eu ti-
nha de vê-la viúva, dissipou-se: a razão va-
leu, e esquecendo o meu infeliz
amor, em afeição-me a Vitória e a seu
pai. O primeiro no exército, servia de secre-

ça; muitas vezes confiava-me imp
de estado, e quasi sempre me enc

ino a montar a cavalo, e a maneja
; bem depressa lhe tomei tanta a
fôra meu próprio filho; não era p
nável, nem ter indole mais gene
o meio dos soldados, que se lhe a
tos do hábito e da estima. Aos qui
contra os francos, que eram nos
rigosos como o tinham sido os re

o: sua mãe, a cavalo, rodeada

... como verdadeira gaulesa, no alto da descobria o campo de batalha, e... Ele portou-se valorosamente, como era, habituado à vida e talentos militares se desenvolveram como o mais valente dos soldados: como um velho capitão, generoso e permitia a sua bolsa, alegre, fra-

bem depressa partilhou a sua ad-
versidade com o filho. Chegou finalment-

te e o filho: Chegou, imediatamente, à alia, já quasi independente, quiz pôr o governo do nosso pais; o pai entre um chefe gaules e um chefe escolheu *Posthumus*, e as possas unanimemente Vitorino chefe da Gercitô, que pouco tempo depois, ca de quem era amado... Infelizme ano depois, deixando-lhe um filho.

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes: — Encomendas postais até 6 quilos \$500, pacotes até 2 quilos \$45 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. **Ilhas**—Encomendas postais, 6 quilos \$600. **Brasil e Países da União Postal**—Pacotes de 2 quilos \$950. **América do Norte**—Pacotes até 5 quilos, \$650.

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre o refletindo no que se lê.

— Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância; daí a necessidade de saber mais.

É assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

19\$00	Humorajaj.....	13
10\$00	Vortaro-Kabe.....	12
10\$00	Krestomatio-Zamenhof.....	12
12\$00	Poskalendareto—1923.....	12
12\$00	Stranga Heredaĵo.....	12
S	Vojojo interne de miacām- bro.....	13
10\$00	La fundo de l'mizero.....	30
10\$00	Bildotablulo (para conversa- ção).....	15
10\$00	Enciklopedia Vort.-Verak.....	20
10\$00	Hebreaj Rakontoj.....	08
13\$00	Historio de La Lingvo Es- peranto.....	60
3\$00	Vivo de Zamenhof-Privat.....	20
20\$00	La Reĝo de la Montoj (il Doré).....	12
10\$00	Mistero de Doloro.....	60
10\$00	Karmen.....	40
10\$00		
	Várias	
10\$00	Educação Social (Revista de P- dagogia e Sociologia.....	
13\$00	■ A Renovação, Revista Bras- leira—Vários números, cada.....	
10\$00	■ Educação Popular, Revista ed- cada pela Universidade Popu- lar.....	
S	10\$00 Vida Natural e Cultura da Vida.....	
10\$00	Revista Naturista. N.º 1 e 2.....	
8\$00	■ Poistas. 1.º de Maio e Avila a 15 e.....	
a im- e mais e re- en- das.	■ Seara Nova, cada.....	
	■ La Revista Blanca (em espan- nhol), cada.....	
	■ Páginas Libres (em espanhol) cada.....	
	■ Novela Vermelha, de vários au- tores, cada.....	
	■ O inglês sem mestre.....	
	■ O francês sem mestre.....	
Pelo correio	A Batalha (Hino revolucionário) Dicionário (Cândido Figueiredo)	
5\$50		
2\$30		

(7) Long -

A decorative horizontal border consisting of repeating diamond-shaped patterns.